

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

José Roberto Dermínio

Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso

Franca/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Aparecida Helena Costa da Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

O Egresso e empresário José Roberto Dermínio fez o ensino fundamental no período em que a Etec era Colégio e Ensino Médio com formação em Marcenaria no Colégio Técnico Industrial, período da transição de Ginásio para Colégio, quando houve a equiparação do Ensino Técnico com Ensino Médio. O entrevistado demonstra uma enorme gratidão pela unidade escolar, pelos valores adquiridos e as amizades consolidadas que mantém contados diários pelas redes sociais. Dinamismo é palavra-chave, desse empreendedor, todas as vezes que estive em sua empresa, enquanto me atendia, comunicava e delegava atividades com sua equipe. Equipe essa composta pelos seus quatro filhos: José Marcelino, José Leonardo, Maria Juliana e José Pedro

Elaboração do roteiro da pesquisa: Aparecida Helena Costa

Local da entrevista: Empresa Cenafer

Data: 6 de setembro de 2021

Técnico de gravação: Aparecida Helena Costa

Duração: 37 minutos e 43 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Aparecida Helena Costa

Número de páginas: 15

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza, em 6 de setembro de 2021, com o entrevistado José Roberto Dermínio. Convidei o referido egresso por acompanhar sua trajetória por conhecê-lo nos encontros de egressos da Etec Dr Júlio Cardoso, sempre nos visita, organiza encontros com os egressos que formaram na década de 1970 e, é um arrojado empresário no ramo da construção civil.

Transcrição da entrevista

Transcritora: Aparecida Costa Helena

Data da transcrição da entrevista: novembro de 2021

Aparecida Helena Costa (AHC): Olá! Eu sou Aparecida Helena Costa do Centro de memória da Etec Dr. Júlio Cardoso eu agradeço ao nosso colaborador Sr. José Roberto Dermínio, que hoje vai nos conceder uma entrevista. Hoje é seis de setembro de 2021. Então José Roberto boa tarde! Muito obrigada pela sua disposição em nos auxiliar, nesse trabalho de pesquisa da Educação Profissional, o senhor poderia nos contar um pouco sobre sua origem familiar?

José Roberto Dermínio (JRD): Oi Cida, antes, de mais nada, obrigada pela oportunidade! E que eu vou te falar uma coisa, eu devo muito a escola industrial porque foi onde eu encontrei verdadeiros amigos, verdadeiras pessoas e verdadeiros homens! Então, isso, realmente para mim é de muita valia. Minha origem familiar, meus avós maternos tanto materno, quanto paterno, vieram da Itália, há muitos anos atrás, e nós fixamos, o meu avô materno e a minha avó materna fixaram residência em Patrocínio Paulista. Eu sou família Carraro, por parte de mãe, e meu pai que é da família Dermínio. Eles fixaram residência em Franca, meus pais se conheceram meu pai é Marceneiro, meu pai está com 93 anos e vivo até hoje e muito bem! A minha mãe infelizmente há 2 anos atrás ela partiu, mas nos deixou um legado muito grande que é o respeito às pessoas, a humildade, o trabalho e isso eu realmente, eu peguei muito do meu pai e da minha mãe. Eu tenho quatro irmãos, desses irmãos é nós somos em 4 eu mais velho, minha irmã o que estudou na Industrial também, o Renato e o Agnaldo, agora na questão familiar sempre nos direcionamos para o melhor eu optei pelo Colégio Técnico desde a época do ginásio, porque meu pai era Marceneiro e eu sempre gostei de mexer com marcenaria, mexo até um pouquinho hoje

como hobby para fazer alguma coisa pelos netos, então isso daí dá pra gente ter pelo menos um hobby eu tenho que é a madeira que eu gosto muito e fui para Industrial para fazer a Marcenaria, que foi sempre uma coisa que eu gostei e daí nunca mais saí. Eu sempre eu brinco muito com os meus filhos, que eu fazia o caminho de casa até industrial 6 vezes por dia, que era a pé todos os dias, a pé. Meu pai não tinha carro nós morávamos na rua General Carneiro cruzamento com a Mário Mazini mais ou menos aquela região e eu tinha que ir a pé para industrial todo dia e eu ia mais ou menos 6 vezes por dia a pé, ia e voltava porque além de eu ter um ensino eu tinha o ensino profissional à tarde e à noite eu ia jogar basquete pela Industrial. Diga se de passagem esse tanto de professores quanto Agostinho Vilhena, quanto como é que ele chama ô gente eu esqueci o nome dele... o Wilson. Tanto Wilson aqueles eles nos deram...e tinha o senhor Melane também. Sr. Melane foi antecedeu o professor Agostinho era da mesma época e depois veio Wilson, isso esses professores nos deram muita base e isso foi muito importante para nós sem dúvida nenhuma na nossa formação.

AHC: Com relação ao basquete, chegaram a jogar por Franca, alguma coisa assim?

JRD: Eu cheguei a jogar por Franca mas foi só juvenil que eu joguei no Emanuel Juvenil e no Amazonas juvenil mas muito pouca coisa a Industrial depois que eu sai no ano de Setenta e seis, setenta e cinco a industrial ainda conseguiu conquistar um título de do basquete do colegial, um título que veio e que foram muitos alunos para Industrial como é o caso do Guerrinha, como é o caso Sérgio Viário, e mais alguns outros que eu não lembro o nome aqui agora, mas realmente o basquete também e foi função do seu Agostinho Vilhena que nós íamos para os jogos industriais. Esses jogos industriais nós ficávamos uma semana, eu participei dos jogos industriais de Orlândia participei dos jogos industriais Igarapava, participei dos jogos industriais de Batatais, participei dos jogos industriais de Orlândia (de Orlândia não) e, depois de Mococa, jogos da indústria de Mococa. Orlândia foi o primeiro é isso, nos deu uma base muito boa de convivência com as pessoas porque nós íamos ficávamos 2 semanas nessas cidades jogando e eu jogava, fazia basquete, handebol, natação e vôlei e eu fazia todas essas atividades. Então isso para nós foi de suma importância porque nos mostrou o convívio com as pessoas e nós íamos independentes de família de todo mundo era o senhor Agostinho Vilhena, o professor Wilson que tomava conta dessa molecada toda e não era só os homens também eram homens e mulheres, as meninas ficavam em outra escola, e nós ficávamos numa outra escola. e isso nos deu uma base muito grande de convivência familiar, convivência de pessoas que estão intuídas numa direção.

AHC: Então quando a gente fala dos valores do esporte, então você considera esse período por você ter essa carga horária era quantidade de Matemática, Português e Educação Física era a mesma quantidade de aula vocês conseguiram adquirir uma bagagem muito grande.

JRD: O Cida, eu vou falar uma coisa para você: - o que eles fizeram com o ensino, tirando as atividades da meninada, isso foi um crime porque realmente a pessoa no esporte ela relaxa ela tem um... Por exemplo, você tem uma ideia eu saí da Industrial 5 e meia da tarde 6 e meia, eu tinha que estar de volta para começar os treinos, e até 10 horas da noite, a quadra descoberta não tinha nada de iluminação... péssima então isso hoje não, hoje a meninada tem tudo e ao mesmo tempo não tem nada, porque eles só querem ficar de computador, de games e isso realmente nós vamos colher os frutos disso lá na frente, porque isso me eu vejo pelos meus netos hoje eu tenho um neto que está com 2 anos pega o celular ele já sabe mexer no celular coisas que as vezes eu não faço eles já estão fazendo, então isso realmente cortar essas aulas de Educação Física e tudo mais foi uma coisa gritante que o nossos governantes fizeram com as nossas crianças.

AHC: Muito bem, você também falou para mim, uma certa visita que você ajudou na colocação, porque você fez curso de Eletrotécnica no colegial, que você ajudou na instalação na fiação elétrica do prédio novo da escola industrial.

JRD: Nós tínhamos o professor Geraldo, Geraldinho, a gente chamava, ele de Geraldinho. O Geraldo era uma pessoa muito dinâmica. Tinha o Toshio, tinha Marisa, tinha Geraldo, o Vasconcelos de GTDE e tinha... poxa vida, nem lembro mais um monte de nomes, mas são pessoas muito dinâmicas. Então o que a direção da escola pediu para que a gente aprendesse, na realidade é como você estivesse fazendo um trabalho voluntário, e como nós pegamos a Industrial na época em que ela estava fazendo a reforma, nós aprendemos a instalar os interruptores, instalar as luminárias que na época era todinha... as luminárias de... como é que chama... não lembro o nome, mas nós instalamos tudo isso, colocamos os quadros de distribuição, e tudo sobre a supervisão do Geraldinho. Então nós pegávamos a parte prática, teórica na sala de aula, e depois, nós viemos para o canteiro para poder instalar isso e ver como que realmente funcionava. Não era só eu, nós éramos num grupo mais ou menos tinha Vanderlei, tinha Luiz Carlos Bahia que era... e o Geraldino nos ensinou demais essa parte prática, não esqueço de uma obra, uma aula de Geraldinho que ele virou para nós e falou assim, isso naquela época: - nós vamos chegar numa realidade

aonde você vai falar por células, e que nada mais é que o celular, então nós vamos chegar numa época em que você pode estar aonde você estiver, que você não vai precisar de linha telefônica você vai falar pela, pelo satélite, então o que é? É tudo esses celulares que nós estamos vivenciando hoje eu nunca mais esqueci disso que ele falou isso numa sala de aula

AHC: É, e percebo que a escola tem uma representatividade forte para você. O seu estágio no Amazonas como é que foi?

JRD: Olha o estágio meu no Amazonas... vários amigos meus saíram da escola industrial a maior parte deles foram todos embora, a maior parte deles foram todos para fora. Eu optei em ficar em Franca pelo seguinte, eu queria fazer cursinho, então eu queria fazer um cursinho que diga se de passagem, eu fiz dois anos de cursinho no Anglo e esse o que os meninos foram para fora eles aprenderam muito que inclusive hoje eu ainda tenho amizades. Você sabe disso que eu tenho amizade com quase todos eles, nós temos um grupo no WhatsApp aí que nós nos falamos todo dia, todo mundo relacionando com todo mundo. Isso daí é de suma importância porque ficou uma amizade durante 40 e tantos anos, nós temos amizade até hoje então eles foram embora nós perdemos contato e eu fiquei em Franca para fazer no Amazonas. No Amazonas eu aprendi demais que inclusive até hoje tem uma amizade com todos eles que passaram pelo Amazonas, as pessoas mais velhas o Zé Roberto, o Agenor, o Erotildes, diz que era do Erotildes, então isso daí me marcou demais porque foram pessoas que me ajudaram demais. Eu chegava lá quinze para as sete da manhã saía na hora do almoço, voltava depois do almoço e saía às cinco e trinta da tarde, para depois ir para o cursinho. Então você estava moído, mas tinha que ir, e a pé não tinha nada de carro não, então isso realmente nos ajudou demais da conta, porque foi, eu consegui o estágio porque meu pai tinha muita amizade com o pessoal da Amazonas, era marceneiro do Amazonas, então meu pai conseguiu esse estágio, e eu fui para Amazonas fiquei um ano no Amazonas fazendo estágio.

AHC: E o cursinho que você fez era para prestar vestibular alguma coisa assim?

JRD: O cursinho que eu fiz era para prestar o vestibular para Engenharia Elétrica, eu queria engenharia elétrica de qualquer maneira, mas eu vou te ser sincero prestei dois anos de engenharia elétrica e não consegui. Um dia meu pai que tem quarto ano de grupo virou para mim e falou: - você Roberto por que você não presta Engenharia Civil? Porque a Engenharia Civil ela tem amplos... ela tem um leque muito grande, melhor do que a

engenharia elétrica e foi isso que eu fiz eu prestei Engenharia Civil e no primeiro ano que eu prestei Engenharia Civil, eu passei. E diga se de passagem me encontrei porque isso foi uma palavra do meu pai. O meu pai virou para mim tem um quarto ano de grupo presta Engenharia Civil tem um leque maior, prestei passei e me encontrei.

AHC: E aí quando você quanto a sua empresa quando você pensou em montar sua empresa?

JRD: Olha essa empresa foi o seguinte: - Eu na Engenharia Civil, que eu fiz Moura Lacerda em Ribeirão Preto, morava com uma tia minha, porque eu não tinha condição de pagar a faculdade, e não tinha condição de pagar uma pensão ou uma República. Então eu morei com uma tia minha, irmã da minha mãe, ela me ofereceu, morei com eles os 4 anos e meio, porque eu fiz a faculdade na realidade. A faculdade era 5 anos, eu fiz a faculdade em 4 anos e meio, porque eu vim puxando matérias, matérias, matérias. E eu tinha um... eu tenho a minha esposa, que hoje é minha esposa Silvana, ela fazia faculdade em Franca, fazendo faculdade em Ribeirão Preto, nós namoramos 8 anos entre o término da Industrial até eu me formar na Engenharia. Fui para Ribeirão, fui ficar nessa casa dessa minha tia fiz a faculdade em 4 anos e meio, no segundo ano de faculdade eu já estava fazendo estágio porque eu não aguentava ficar parado eu fui procurando estágio, estágio, estágio. Bom um belo dia no final acho que, do terceiro ano ao quarto ano, não lembro mais, acho que no terceiro ano de faculdade eu vim aqui em Franca numa festa junina e a minha namorada virou para mim e falou assim: - você leva a gente de carro, de caminhonete? - Falei leve! Aí fomos e o dia que eu passei do lado, eu vi uma placa futuras instalações Calçados Terra Ltda, e a placa quem estava construindo essa obra, e Calçados Terra meu pai era muito amigo dos proprietários, dos donos, então eu falei: - "OPA!" vou fazer um estágio e no outro dia conversei e na placa mostrava Construtora Racional Engenharia São Paulo, falei: Oh! vou fazer um estágio, cheguei pro meu pai, falei: - Oh! dá uma cutucada lá no pessoal para eles poderem ver se eu consigo estágio. aí eu cheguei no outro dia, daí 2 ou 3 dias que acho que foi no final de semana, foi numa segunda-feira, cheguei e falei: - Oh! estou querendo fazer um estágio, estou fazendo Moura Lacerda em Ribeirão, se vocês conseguem esse estágio para mim: - você é? O teu pai já falou com os proprietários da obra aqui nós conseguimos estágio, mas nós não podemos te pagar nada. Aí o cara virou, falei: - não eu não estou interessado em ganhar, eu estou interessado em fazer o estágio. Isso era julho, mês de julho, quero fazer um estágio de férias pois não pode vir. Comecei a ir todo dia, tinha dia que eu saia da obra 10 horas da noite porque eu fazia estágio e além disso tinha que levar os engenheiros que vinham de São Paulo para jantar fora isso na

época do Canecão na época do Pajé na época do Barão, Restaurante barão. Aí nós íamos batíamos um papo, e os caras gostaram muito de mim, aí quando foi eu virei para ele e falei: Oh! posso vir na Semana da Pátria? Pode vir na Semana da Pátria. Beleza! Fui... os caras me deram toda assistência, os caras me ensinaram para caramba, aprendi tudo! Bom chegou na Semana da Pátria eu estou lá fazendo estágio chegou um cara perto de mim eu sabia que ele era o diretor da Nacional, ele sentou em uma mesa e falou: - Zé que você está fazendo? Eu estou fazendo estágio ele virou e falou: - eles estão te pagando? Não está me pagando nada, eu estou aprendendo, mas você está fazendo faculdade aonde? Eu falei: - eu estou fazendo em Ribeirão Preto, na Moura Lacerda. Bom toma aqui o telefone do meu escritório você liga. Esqueci o nome da menina, mas eu lembrava: - Cê liga para fulana de tal segunda-feira eu quero você lá no escritório porque nós estamos fazendo uma obra do Park shopping Brasília e eu vou fazer a obra do parque shopping Brasília, pré moldado aqui em Franca, aqui em Ribeirão, para mim mandar para Brasília. Falei: - olha, então tudo bem. Peguei na segunda-feira, eu estava lá, a menina fez uma entrevista comigo rápido, pediu minha carteira profissional, dei a minha carteira profissional para ela, aliás minto, não dei porque o meu pai quando esse período que eu estava fora meu pai continuou pagando a minha, ele me registrou na empresa, e o meu pai me pagou esses quatro anos de aposentadoria pela empresa, isso me ajudou para caramba na hora de aposentar. Falei: - Oh, você faz um contrato, que eu estou registrado na firma do meu pai. Beleza, fizemos o contrato sim, ela começou me pagar por mês um tanto, que já ajudava meu pai na faculdade, aí meu pai ele virou para mim e falou: - você vai aprender agora os pré moldado e tal. Então me apaixonei pelo pré moldado, eu adorei trabalhar com ele. O nome do diretor Wilson Fernando Lemos Pompilho, um cara que me ensinou para caramba, ele me explicou tudo que tinha que fazer de pré moldado. Bom, quando foi dia 31 de agosto eu pedi uns dias uns 3 dias eles me ligaram em casa até falar nisso, é por hoje é foi dia Zé, me ligaram em casa falou assim: - Zé, Zé Roberto nós pegamos uma obra em BH, Belo Horizonte, e eu quero que você esteja lá, dia 6 de setembro, que é hoje 6 setembro, eu quero que você esteja lá ou dia 6 ou dia 5, não lembro mais. Fui para Belo Horizonte, fui peguei uma obra com 19 pavimentos de altura e com 3 para baixo da Terra, eu quase morri de tanto trabalhar, só que eu estava namorando já há muito tempo com a minha esposa e... eu virei para ela e falei vamos casar e eu falei assim, ela falou: - você tá doido muito em cima da hora. Falei: - vamos casar dia 3 de outubro. Mande uma procuração para o meu pai assinar por mim no cartório para fazer o pedido lá do casamento e só vim aqui casar e fui embora. Fomos embora para Belo Horizonte a empresa me pagou estadia, me pagou o apartamento, pagava tudo e eu fiquei 2 anos e meio em Belo Horizonte. Eu fiz 2 obras uma a IBM do Brasil e o Banco Real todinho e o Banco real na

Savassi e adorei Belo Horizonte. Só que as obras que eu fazia lá em Belo Horizonte canteiro da obra ocupava todo o espaço, e esse todo espaço eu tinha que fazer as formas e a ferragem fora da obra e trazer para dentro da obra abastecendo a obra e eu pensei com aquilo rapaz por que que eu não monto isso em Franca deu montar uma distribuidora de ferragens onde eu possa distribuir nas obras. Beleza, fiquei com isso na cabeça aí quando foi mais ou menos uns 2 anos e meio 3 anos e meio que eu fiquei lá pessoal da construtora Cherini, que eu tinha alguns amigos aqui já trabalhando na construtora Chereguini que era o caso Fernando Vieira, do Denizar Santiago, todos eles fizeram Moura Lacerda comigo, aliás Fernando Vieira não, Fernando Vieira formou depois de mim, mas o Denizar já estava em Franca, ele me ligou em casa eu tenho apelido de *seringa* todo mundo me conhece não é o Zé Roberto Dermínio é o *seringa* então esse pessoal me colocou Denizar me falou: - Oh a construtora Chereguini está querendo contratar a gente você vem para Franca, eu vou ver a proposta: - vem no sábado. Aqui eles me fizeram a proposta, que eu vim ganhar na metade do que eu ganhava, metade, além de ter um apartamento que eu não tinha, precisei morar com meu sogro, me ofereceu toda a casa, eu tinha um quarto no fundo separado. Nós vinha morar no fundo tanto que eu não tinha condição de pagar aluguel e vim embora ganhando a metade. E diga se de passagem a Racional também foi outra escola, que a Racional me explicou... fez eu me sentir um verdadeiro profissional porque é uma verdadeira escola. Então isso realmente me marcou muito e devo muito assim como devo a Industrial eu devo muito a essa empresa chamava-se Racional Engenharia. Bom com a vinda para Franca, eu vim trabalhar para construtora Chereguini, e a construtora eu cheguei na consultora Chereguini, cheguei ela tinha um depósito de ferragem de forma que ela distribuía para as obras inteira, ela já estava fazendo isso, esse tipo de coisa, esse depósito era na Avenida Brasil, lá no cruzamento com Ademar de Barros. A Construtora Chereguini montou isso daí e ela distribuía para todas as obras e isso me chamou a atenção de novo. Bom comecei a trabalhar na construtora Chereguini, fiz várias obras aqui em Franca, e uma delas foi a Vemafre. Hoje chamava-se Autofranca, na época, eu vim para fazer essa obra, mas depois disso daí começaram a aparecer com engenheiro Roberto Cerqueira Júnior, começaram a aparecer umas obras de pré-fabricados e de pré moldados, e nós, cheguei na época, me chamou para mim fazer parte dessa empresa, chamava-se Norte Paulista. Na época, esta foi o boom do distrito industrial, aonde nós fizemos vários pré-fabricados e tudo dentro de Franca com tecnologia Francana. Nós montamos a norte Paulista, por exemplo, para você ter uma ideia, nós tínhamos até cura a vapor dos pré moldados, e nós montamos isso deu um *boom* na cidade, deu um boom no Distrito Industrial. Para você ter uma ideia nós devemos ter feito no distrito industrial mais ou menos umas 34 obras de pré-fabricados e

tudo obras grandes nós fizemos curtume Bela Franca tinha vigas no curtume Bela Franca de 14 toneladas que nós fazíamos no chão, tudo com forma de madeirite que levamos com guinchos para cima pilares pré-fabricados, que nós fazíamos a norte Paulista íamos levar para colocar na obra e várias outras obras que apareceram. Escolas, em Mococa, nós fizemos uma distribuidora muito grande em Bauru, então é isso realmente o trem foi tocando, foi tocando e fomos embora. Aí um belo dia eu tive algumas divergências com alguns dos sócios lá da Norte Paulista, e eu resolvi sair e falei: - eu a gente só que a ideia de ferragem, a ferragem é minha, eu levo essa ideia comigo, eu vou montar. E foi aonde eu comecei em primeiro de fevereiro ..., primeiro de setembro de 1990 então eu recebi 5000 m² de área, 35 toneladas de ferro. Bichoeti e Zé Ricardo que eram os donos da Solocom, me arrumou uma casinha aqui pertinho para eu poder fazer o escritório, fiquei um ano e meio, dois anos lá nessa casinha, e foi aonde começou a Cenafer e, a Cenafer no começo, e eu tinha uma chácara só de 5000 m², hoje nós temos 26000 m² de área, 100 funcionários, e a Cenafer e os meus meninos, tinham 7 anos, 8 anos, José Marcelo e o José Leonardo, 7 anos, 6 anos, e nós compramos um computador IBM aquela época que pagava se uma fortuna no computador, aí eu virei pro Zé Marcelo, Zé Leonardo, falei: - Oh! Vocês estão aprendendo, eles começaram, eu arrumei um professor de informática para eles, estavam começando: - Oh. vão bolar um negocinho aqui, me ajuda a bolar um negócio, vou fazer o nome do pedreiro telefone, do pedreiro, e nas costas eu vou colocar emblema da Cenafer.

Interrupção, toca o telefone...

JRD: Aí o Zé Marcelo e o Zé Leonardo fizeram isso no computador, nós pegávamos uma aquela régua para cortar, não sei como é que chama: - portador com guilhotina. Eles mesmos cortavam, depois num papelzinho entregava o pedreiro. Cida eu vou falar para você até questão de uns 10 anos atrás, eu recebia algum telefonema a moça virava falando assim: - é o pedreiro tal? - Não aqui é da Norte Paulista, a da Cenafer, desculpa e eu fiz a propaganda com o nome do pedreiro do lado do cartão, isso pegou de tal maneira, e os pedreiros também, no começo foi muito relutante comigo, os pedreiros olhava para mim e falava: - Zé se está tirando o nosso serviço! Falei: - não, eu não estou tirando o seu serviço, eu estou industrializando o seu serviço, é diferente. Hoje pra você ter uma ideia Cida, não tem mais Armador na cidade, porque as pessoas acostumaram tanto que o cara liga aqui: - o Zé manda dois pilarzinhos para mim, uma viga em cima do portão. Então, eles me pedem isso, porque os caras não sabem fazer mais, e aqui nós industrializamos. Então é isso, está tudo industrializado hoje aqui. Eu tenho máquinas aí você tem uma ideia: - eu

faço 160 toneladas de ferro mês, dentro de Franca, então isso daí só que nós industrializamos negócio, o trem industrializou, então eu realmente esse foi o começo e o andamento da Cenafer até hoje.

AHC: Está, então isso você tem só essa parte ferragem, a parte da construção?

JRD: O começo nós fizemos só a parte ferragem, aí depois entrou a laje, depois veio o concreto usinado, que nós montamos e, depois, veio à parte de fundação. Que essa parte fundação diga se de passagem é José Ricardo da Solocon, que é uma empresa... que essa Solocon é hoje ela deve ter uns 45 anos, e tá existindo até hoje, só que em outro segmento. A Solocon, o Zé Ricardo proprietário da Solocon com que é muito amigo meu me deu muita força tanto ele quanto o Bichoeti Antônio Massoti Maciel Bichoeti é Engenheiro civil também. O José Ricardo me ligou um dia e falou: - vem aqui que eu preciso falar com você! Eu na correria passou uma semana, eu fui ele me ligou na outra semana, e falou assim: - vem aqui que eu quero falar com você! Mas o que que você quer? O que eu preciso, que você precisa de mim? Passe por telefone. - Pois não, eu vou vender a Solocon, A Solocon equipamentos, se eu não vender pra você, eu vou vender para outro. Falei: - não espera aí, que eu vou aí! Eu cheguei aqui, cheguei, e fui lá falei: eu quero, vender, mas é eu não tenho cacife para comprar sua empresa não! - Nós fazemos negócio fica bom para você e bom para mim você me entrega um tanto. Ele queria partir para área predial, que era fazer prédios, que inclusive diga se passagem, faz se isso até hoje. Então nós fomos, eu fui para lá, ele me fez uma proposta, trouxe uma proposta na mão, ele olhou aquilo e eu cheguei para o meu sócio aqui falei: - olha está aqui a Solocon, que quer vender para nós. - Você está doido nós não temos cacife para isso, nós vamos controlar isso aí! Eu vou controlar com o Zé Ricardo e nós vamos comprar! E foi onde nós compramos a parte Fundações e isso veio agregar. Então hoje a Cenafer faz desde fundação, e vai até a última parte estrutural do prédio, que é concreto de laje ferragem, concreto ferragem, laje, perfuração é tudo. Hoje eu voltei também ao pré-fabricados estou começando a voltar fazer os barracões pré-fabricados, para você ter uma ideia, estou fazendo quase 200 pilares com uma obra em Jundiaí, uma empresa de Franca, que vai se mudar para Jundiaí, então eu estou fazendo aqui tudo aqui em Franca, tudo mandando para Jundiaí.

AHC: Zé Roberto quando você pensa... você era aquele garoto que ia 6 vezes na escola e esse empresário que você é hoje, que características que você atribui a essa luta por toda essa mudança, esse caminho de empreendedores ou empresários?

JRD: Cida eu... a primeira coisa que eu acho que a gente tem que ter na vida é dinamismo. Se você não tiver dinamismo na sua vida, você não consegue fazer nada. Família, eu acho muito importante a minha família por exemplo, você ter uma ideia a minha esposa ficava com o meu filho Zé Marcelo, meu mais velho, sozinha em Belo Horizonte, não tinha mãe, não tinha irmã, não tinha ninguém ficava sozinha. de noite, e eu chegava ainda tinha que ajudá-la porque não dava conta sozinha. Então, por exemplo, para minha esposa não me deu desde o começo da minha carreira não vou dizer para você que foi fácil, mas por exemplo, Belo Horizonte eu saía de casa às 6:30 da manhã, só voltava 8 horas da noite, quando não, eu passava a noite concretando que a obra era muito grande ela tinha que fazer concreto 24 horas por dia. Então é isso daí realmente a família é o esteio de tudo se você não tiver uma família que te dá um esteio não adianta, os meus filhos sempre educando, sempre aqui comigo, dava as férias eles vinham para cá para me ajudar com alguma coisa o Zé Marcelo e Zé Leonardo vinha, ia de caminhão buscar lajota com os meus motoristas para aprender. Hoje essa outra trajetória desde a industrial até hoje eu só tenho que agradecer. O que eu tenho e o dinamismo que graças a Deus eu sempre tive na minha vida, isso os meus amigos inclusive podem até dizer, que tem esses amigos da Industrial, aí que tem amizade com eles todos os anos, nós já fizemos você sabe bem disso nós já fizemos cinco ou seis encontros depois de quase 40 anos longe um do outro.

AHC: Muito bem e você falou dos seus filhos, os seus filhos trabalham com você?

JRD: Hoje os meus os 4 filhos trabalham comigo José Marcelino, Engenheiro Civil, a gente viu Zé Leonardo, Administrador de empresas, Maria Juliana que a minha filha está na parte de organização de Departamento Pessoal, essas coisas da empresa de RH da empresa e o Zé Pedro fica na Concreteira, também, junto com os filhos do meu sócio.

AHC: Está certo, muito bem! Eu gostaria que você deixasse uma mensagem para os alunos que vão ler essa entrevista, que muitos talvez hoje estejam sendo alunos, para que um dia eles possam pensar em montar suas empresas, serem empreendedores. Uma coisa que eu vi em você, é que você falava a nossa empresa, isso é empreendedorismo corporativo, você tratava a empresa como se fosse sua.

JRD: Sim!

AHC: Durante algum tempo da entrevista, eu fiquei na dúvida se a empresa era sua ou se você era só um funcionário pela forma que você falava, sua dedicação.

JRD: Olha o que eu tenho de dizer para os seus alunos é o seguinte: - confie em vocês, o trabalho está aí, o trabalho ele nunca vai acabar, porque se o trabalho acabar no mundo, acabou, as pessoas vão ficar loucas, doidas contudo essa doença, e que tem por aí. O trabalho sempre vai existir, então arregacem as mangas, e trabalhem! isso que eu tenho para dizer a todos vocês!

AHC: Zé Roberto eu agradeço muito

JRD: Muito obrigado Cida

Descritores

História oral na educação
Empreendedorismo
José Roberto Dermínio
Aparecida Helena Costa
Etec Dr. Júlio Cardoso
Centro de Memória
Técnico em Marcenaria
Colégio Industrial Dr. Júlio Cardoso
Basquete
Volei
Esportes
Estágio
Amazonas
Engenharia Elétrica
Eletrotécnica
Engenharia Civil
Pedreiro
Pré-moldados
Construção Civil
Concreto usinado
Pré-fabricados
Fundação predial
Laje
Laje ferragem

Concreto ferragem

Concreteira

Dados biográficos do Entrevistado



José Roberto Dermínio - mora em Franca/SP. Nasceu, em 16 de maio de 1958, em Franca, São Paulo. Filho de Pedro Dermínio e Lucinda Carraro Dermínio. Estudou o primeiro grau no GIE - Ginásio Industrial Estadual “Júlio Cardoso” de Franca, Ensino Médio com formação em Marcenaria no CEI – Centro Estadual Interescolar “Dr. Júlio Cardoso”. Formado em Engenharia Civil pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto. Trabalhou em diversas construtoras até criar sua empresa na área de construção civil.

Dados biográficos da Entrevistada



Aparecida Helena Costa - Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário Uni-facef; graduada em Ciências econômicas pelo Centro Universitário Uni-facef; Graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade UNIVESP; Professora do Centro Paula

Souza na Etec Dr. Júlio Cardoso- Franca, Coordenadora de curso do Ensino Médio e Novotec; desenvolve projeto se pesquisa no Centro de Memória e participa do GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/4326134027828019> Acesso em: 23 dez. 2021.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de José Roberto Dermínio

Termo de Autorização para uso de Imagem de José Roberto Dermínio

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de José Roberto Dermínio